

## A DRAMATURGIA DE AUTORIA FEMININA: 1990 A 2005

Laura Castro de Araújo (UnB)

O que chamamos de “literatura” não é, necessariamente, o que foi impresso, nem tampouco, tudo que é impresso é denominado literatura. (GUMBRECHT: 1998, 297). Com os termos “teatro” e “peça” também há uma imprecisão terminológica, como expõe Hans-Thyges Lehmann:

Ainda hoje as pessoas falam, quando voltam do teatro, que gostaram muito da peça. Elas não fazem uma diferenciação entre a peça como texto escrito e a representação dessa peça. Ou seja, tradicionalmente a palavra teatro quer dizer teatro dramático. E na França, se você tem uma reunião de peças de um autor em um livro, você chama de teatro. Os dramas de Diderot são chamados de Teatro de Diderot. (LEHMANN: 2003, 16)

Assim, é necessário que haja, sobretudo na sociedade midiática em que vivemos, consciência das diferentes mídias em que o teatro pode se apresentar, seja como literatura, impresso em livro, ou como encenação, que traz outra natureza de significações, com outras linguagens. Ambas se complementam e nenhuma delas é substituível, mas cada uma possuiu suas especificidades como, por exemplo, a produção da presença.<sup>1</sup>

Acreditamos que a publicação da peça teatral é importante não apenas como material de análise, especialmente para os que estudam o texto, mas também como registro histórico:

a publicação materializa o texto dramático, um dos elementos mais significativos do acontecimento teatral, ampliando um público que deixa de ser apenas o espectador para ser também o público-leitor e, além disso, torna-se um registro das idéias teatrais que estão (re)dimensionando o fazer teatral no Brasil. (GOMES: 2007, 31)

Por isso, a publicação representa uma fonte importante para documentar e tornar mais acessível, tanto para fins de pesquisa quanto para entretenimento, a produção teatral contemporânea. Sendo assim, é de fundamental importância este registro impresso como subsídio para a História do Teatro Brasileiro, como nos elucida Sábado Magaldi:

ainda está por escrever-se uma História do Teatro Brasileiro. Somente quando se fizer um levantamento completo de textos se poderá realizar um estudo satisfatório de todos os aspectos da vida cênica – dramaturgia, evolução do espetáculo, relações com as demais artes e com a realidade social do país, existência do autor, intérprete e dos outros componentes da montagem, presença da crítica e do público. (MAGALDI: 1999, 289)

É bem verdade que a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT disponibiliza em seu acervo muitos textos teatrais, que podem ser fotocopiados e adquiridos, porém nem sempre o órgão é acessível – sendo este serviço restrito à sede, no Rio de Janeiro – e muitas vezes ainda que possua registrados muitos dramaturgos e dramaturgas, nem sempre tem seus textos disponíveis. Além disso, a publicação teatral é enriquecida com uma série de informações e fortuna crítica que contribuem para o trabalho do pesquisador como informações sobre montagem, textos críticos e fotos.

Pensando nisso foi concebida pelo Grupo de Estudos em Dramaturgia e Crítica Teatral, da Universidade de Brasília, sob a coordenação do Prof. André Luis Gomes, a pesquisa sobre a publicação do texto teatral no teatro contemporâneo. A primeira etapa do nosso trabalho iniciou-se, em 2006, com a coleta de dados quantitativos tanto sobre as publicações quanto sobre as personagens das peças teatrais publicadas a partir de 1958.<sup>2</sup>

Do *corpus* total, que parte desta data, o primeiro resultado que chamou atenção – e que também me motivou a pesquisar e refletir sobre a dramaturgia de autoria feminina – foi o percentual de apenas 21,1% de mulheres escritoras de teatro, contra 75,1% de dramaturgos. Das 216 peças publicadas, incluídas na pesquisa, menos da metade pertencem a dramaturgas, são elas: Renata Pallottini (15)<sup>3</sup>, Consuelo de Castro (9), Maria Adelaide Amaral (7), Leilah Assumpção (4), Hilda Hilst (4), Edla Van Stein (1), Rosângela Petta (1), Marta Góes (1), Mara Carvalho (1), Cristina Mutarelli (1) e Jandira Martini (1). Esta última publicou também, em parceria com Marcos Caruso, mais três peças. E, em parceria com Miguel Falabella encontramos Maria Carmem Barbosa, assinando cinco peças.

Assim, antes de partir para a análise do material pesquisado, já encontramos uma grande parcela de autoras que não estão *incluídas* neste recorte, como Ísis Baião, Aninha Franco, Clarice Niskier, Denise Stoklos, entre muitas outras, que não têm seus textos acessíveis e disponíveis, na maioria das vezes.<sup>4</sup> Há algumas peças que são publicadas com pequenas tiragens cuja venda acontece apenas nos finais de espetáculos ou publicações que já se encontram esgotadas e que não ganham uma nova edição. Por considerar apenas as peças que tenham um alcance de público maior e que estejam disponíveis para serem adquiridas, consideramos na pesquisa apenas as peças publicadas por editoras de caráter privado.

Não se trata, portanto, que não existem dramaturgas produzindo neste período, mas sim que pouquíssimas delas, hoje, possuem visibilidade e interesse do mercado editorial brasileiro. Na verdade, segundo nossos primeiros resultados, não há interesse do mercado editorial na publicação de peças de teatro em geral:

constata-se, primeiramente, que não há, infelizmente, interesse pela publicação de textos teatrais, principalmente, os contemporâneos por grande parte das editoras. Algumas, que detêm boa fatia do mercado editorial, como, a Companhia das Letras e a Rocco, disponibilizam em seus catálogos apenas textos teatrais escritos por autores consagrados como Vinícius de Moraes, José Saramago, Fernando Pessoa e Nelson Rodrigues. Pode-se inferir que a publicação dos textos dramaturgicos, por essas editoras, vem a reboque da produção literária de escritores que se consagraram (com exceção de Nelson Rodrigues) como poetas e romancistas. Mas, é digna de nota a iniciativa de algumas editoras, como a Martins Fontes e a Perspectiva, que, respectivamente, reeditam peças teatrais escritas no século XIX e início do XX e divulgam estudos críticos em coleções que colaboram com os estudos e debates sobre o fazer teatral. (GOMES: 2007, 31)

Vemos, assim, considerando as dramaturgas, este interesse é menor ainda, pois não se trata de falta de produção, mas critérios duvidosos do mercado editorial, que privilegiam os autores (em geral, homens) que possuem visibilidade na mídia e certo reconhecimento pela crítica teatral dominante.

Dessa forma, a maioria das dramaturgas que recebem publicações de suas obras – especialmente antologias – são as que já foram reconhecidas pela crítica teatral e acadêmica, tais como, Maria Adelaide Amaral<sup>5</sup>, Renata Pallottini, Leilah Assumpção<sup>6</sup> e Consuelo de Castro. Esse fato, portanto, pode ser uma das razões, também, pela qual

muitos estudos que mencionam a autoria feminina no teatro se restringem aos referidos nomes.

Além disso, das autoras que recebem publicações 94,4% delas participam da atividade cultural do país, não apenas como dramaturgas, mas também como escritoras - a maior parte delas (66,7%) tem publicação em outros gêneros literários como romance, poesia, contos e crônicas - e/ou o restante são, em geral, atrizes (27,8%) e diretoras (16%). Isso atesta por um lado que a maioria dessas dramaturgas que estão sendo publicadas já possui trânsito no mercado editorial e por outro, confirma que muitas das autoras de teatro atuam em outras áreas da criação cênica, como a atuação e a direção. E, certamente, esta visibilidade em outros focos culturais "justifica" o interesse mercadológico por esse grupo restrito de autoras. Outro dado que confirma isso, por exemplo, é que de 13 autoras, 7 delas já trabalharam ou trabalham como roteiristas de televisão.

Hoje, seria necessária uma pesquisa dedicada e cuidadosa, no sentido de reunir um grande número de dramaturgas, pois muito pouca informação se dispõe, sobretudo no que se refere ao que é produzido fora do eixo Rio - São Paulo, locais onde se concentram o maior número de editoras, além de ser o foco principal da crítica especializada. E, além disso, mais da metade das peças da pesquisa foram lançadas por editoras sediadas no Rio de Janeiro (26,9%), especialmente São Paulo (45,8%) contra 26,5% de outras localidades.

Das peças publicadas no período de 1990 a 2005, um total de 15 peças pertence a dramaturgas, sendo que 80% delas foram publicadas por editoras sediadas em São Paulo. São geralmente peças que se passam nas grandes cidades (68,6%) cujos principais cenários apresentam-se em salas de estar de apartamentos e casas. Este tipo de cenário é propício para conflitos familiares, conjugais e íntimos, adequados também ao drama, gênero dramático este que aparece na maioria das peças: em 62,9% delas.

**Lua Nua**, peça onde tem como foco um casal em crise, da Editora Scipione, é a única peça publicada de Leilah Assumpção no período de 1990-2005. Apesar de constar em sua obra várias peças estreadas neste período, como *Adorável Desgraçada*, de 1994, *O Momento de Mariana Martins*, de 1990, que lhe renderam, inclusive, o prêmio de melhor autor da Associação Paulista de Críticos de Artes, APCA, além da recente *Intimidade Indecente*, de 2001, Leilah não possui nenhuma publicação que reúna suas obras, apesar de ser uma autora reconhecida tanto pelo cânone teatral como pela crítica especializada.

Pela mesma editora e pela mesma coleção "Palco Iluminado" temos também **O último encontro**, peça de Edla Van Steen, peça também foi publicada pela editora Arte Aplicada, com o qual ganhou os Prêmios Molière e Mambembe de "Melhor Autor" e da APCA de "Revelação de Autor", em 1989. Edla van Steen é autora de mais de vinte livros publicados, entre contos, romances, entrevistas, peças de teatro, livros de arte, além de trabalhar na Global Editora.

Consuelo de Castro também encenou, neste período, obras como *Memórias do Mar Aberto: Média Conta Sua História* (1997/2004), *Making Off* (1999), *Mel de Pedra* (2005) e **Only You** (2001), a única publicada. Ao contrário de Leilah, Consuelo possui uma publicação, pela Editora Perspectiva, que reúne a maior parte de seus textos desde 1969 até 1987.

Já Maria Adelaide Amaral é a autora detentora do maior número de obras teatrais publicadas, neste período, em diferentes volumes. Portanto, não por acaso, a dramaturga é reconhecidamente um dos maiores nomes como autora de televisão. Sua

co-autoria em inúmeras telenovelas, tais como, *Meu Bem Meu Mal* (1990), *Mapa da Mina* (1993) e *A Próxima Vitima* (1995), citando algumas, bem como autoria de minisséries, como *A Muralha* (2000), *Os Maias* (2001), *A Casa das Sete Mulheres* (2003, com Walter Negrão), *Um Só coração* (2004, com Alcides Nogueira), *JK* (2006, também com Alcides Nogueira), atestam o fato de como o mercado editorial afina-se com a visibilidade que a indústria global constrói sobre determinados nomes, destacados pela cena televisiva.

Assim, as principais peças de Maria Adelaide, no período de 1990 a 2005, foram publicadas como **Mademoiselle Chanel** (2004), **Tarsila** (2003) e **Querida Mamãe** (1994), sendo que esta última encontra-se tanto no “Melhor Teatro” da autora, numa edição da Global de 2006, quanto é possível encontrá-la sozinha numa edição feita pela Editora Brasiliense. A autora também possui uma publicação de **Ô Abre Alas** de 1983, remontada em 1998<sup>7</sup>, que, em 2000, ganhou uma edição pela Civilização Brasileira.

Marta Góes integra a pesquisa com o texto **Um porto para Elizabeth Bishop**, pela Editora Terceiro Nome, de 2001. A autora possui mais três peças, todas encenadas no período da pesquisa – *A moça que falou assim* (1997), *Turistas e Refugiados* (2004), Sua peça, como *Só Mais Um Instante* (2002) – sendo que apenas esta última foi publicada, mas infelizmente não entrou na pesquisa, pois não foi publicada por editora.<sup>8</sup>

Pela mesma editora, Terceiro Nome, é publicada **Pai**, peça de Cristina Mutarelli do ano de 1999, estrelada por Bete Coelho em um monólogo, com direção de Paulo Autran. A dramaturga é comumente mais conhecida por seu trabalho como atriz apesar de ser atuante também em diversas áreas como Artes Plásticas e Arte Educação.

Vange Leonel é outra autora que compõe nosso *corpus* com sua peça **As Sereias da Rive Gauche**, de 2000, publicada pela Editora Brasiliense. Cantora, escritora e colunista da Folha de São Paulo, publica a sua primeira peça. Ativista lésbica, levou aos palcos apenas personagens femininas, todas homossexuais. Certamente uma das poucas, pelo menos deste recorte, que trata diretamente do lesbianismo, e única que faz de sua peça um ato abertamente político e afirmativo, como observa a autora no manifesto “Rompendo o silêncio” escrito como parte da divulgação da peça:

Julgamos importante resgatar alguns personagens da história e da literatura que, além de serem homossexuais, ousaram também manifestar-se e escrever sobre o assunto. A peça **As Sereias da Rive Gauche** pretende levar ao público uma parte da história deste século que normalmente é ignorada ou omitida dos currículos escolares e universitários. (...) Nos últimos dez anos ativistas homossexuais no mundo inteiro estabeleceram duas vias de atuação para neutralizar e eliminar o preconceito em relação a gays e lésbicas: orgulho e visibilidade. Orgulho no sentido de não ter vergonha de assumir sua homossexualidade para os outros. E visibilidade no sentido de mostrar para a sociedade, com todas as cores, quem realmente são, como amam e vivem gays e lésbicas.<sup>9</sup>

Neste período, temos também a publicação do primeiro volume do teatro reunido de Hilda Hilst, pela Nankin Editorial, com as peças **A Empresa**, **O Rato no Muro**, **O visitante**, **Auto da Barca de Camiri**. O outro volume de seu teatro reunido, no entanto, não foi publicado porque a Editora Global comprou os direitos da obra de Hilda, mas até hoje não publicou seu teatro.

Apesar de publicado em 2006 é interessante citar a edição do Teatro Completo de Renata Pallottini, pela Perspectiva, com uma organização minuciosa e cuidadosa de sua dramaturgia. Em seu *Teatro Completo*, uma publicação da Editora Perspectiva com mais de 800 páginas, 21 peças, contando também com adaptações e traduções teatrais,

material inédito, além de ricos textos críticos e informações sobre as respectivas montagens.

O destaque editorial do *corpus* fica por conta das peças que integram Coleção Teatro Brasileiro, da Hamdan Editora e Produtora que, por meio de um projeto editorial inovador, lançou, entre 1998 e 2005, seis volumes com quatro dramaturgos diferentes em cada um.

Já no primeiro volume integram-se à publicação o nome de duas dramaturgas: Maria Adelaide Amaral, com **Ô Abre Alas** e Jandira Martini com **A Vida é uma Ópera**, de 1992, única publicação disponível onde assina sozinha uma peça. Esta última, muito conhecida como atriz de teatro e telenovela, e, sobretudo, pela parceria com Marcos Caruso, com quem tem peças escritas com grande sucesso de público, como, por exemplo, **Porca Miséria e Trair** e **Coçar é Só Começar**. A dramaturga estreou em 2003 com *Sonho de Uma Noite de Outono*, ainda não publicada.

Mas, não são somente de nomes conhecidos do público teatral, faz-se a coleção da Hamdan. Em seus cinco volumes posteriores, encontramos dramaturgas diversas como Edla Van Steen, autora de contos e romances, tradutora de inúmeras peças de teatro, participando com a peça **Bolo de Nozes**, de 1998, além de outras duas neste mesmo ano, ainda inéditas; Mara Carvalho, com **Vida Privada**, em 1994, que lhe rendeu boas críticas de Sábato Magaldi. Mais conhecida como atriz, a autora não possui relevante experiência como autora, porém obteve significativa visibilidade – certamente pelo seu trabalho como atriz global – e, em 2004 estreou *Elas São do Baralho*, com direção de Bete Coelho, peça ainda sem publicação; Rosângela Petta também participa da coleção com a obra **A Mulher Com Ele** que, segundo parece, esta publicação é a única peça da autora que, também, é roteirista de cinema.

Embora sendo menos conhecida do grande público, talvez a dramaturga que apresenta uma produção mais sólida e intensa com textos encenados pela Companhia de Teatro Medieval, nos anos 1990 é Márcia Frederico. A dramaturga tem em seu currículo as seguintes peças: *Enganado, surrado e contente* (1991), *O segredo bem guardado* (1991), *O elixir do amor* (1993), *Shakuntalá – o anel perdido* (1994) e **O médico camponês ou A princesa engasgada** (1997), este último publicado na coleção da Hamdan.

Não integram a pesquisa textos de teatro infantil, valendo a pena registrar, porém, que ainda compõem a coleção duas dramaturgas com peças infantis: Tereza Frota<sup>10</sup>, **A Lei e O Rei** (1995) e Nanna de Castro, **Vô Doidim e os Velhos Batutas** (1999).

A iniciativa da coleção é notável, especialmente por apresentar nomes, não necessariamente ligados ao cânone teatral, investindo e divulgando, assim, novos autores com a clara intenção de contribuir para o teatro no país e para a valorização do autor, como expõe a editora Soraya Hamdan, no texto de orelha do primeiro volume da coleção:

Não se publica mais peças de teatro no País. O sistema atual, com raras exceções, permite que o modo como o autor brasileiro concebe o teatro hoje seja conhecido apenas nas regiões onde sua peça é encenada. (...) Diminui-se, portanto, a participação e a influência do autor na elaboração da cultura teatral. (...) Com ela [a coleção] buscamos tornar os textos acessíveis a todos que fazem teatro no país. Além disso, estamos dando partida a um projeto que pretende difundir o hábito da leitura de peças teatrais em meio aos estudantes, em particular, e em meio ao público em geral. Pretendemos, assim, colaborar para diminuir o isolamento que coloca, de um lado, o autor e, do outro, os demais artistas de teatro e a quase totalidade do público.

Assim, acredito que o fortalecimento e a consolidação da dramaturgia de autoria feminina devem ser considerados também no âmbito do mercado editorial, a fim de que se registre e se divulgue no livro e através dele as vozes femininas que surjam nos palcos.

O presente trabalho é fruto das primeiras reflexões sobre os dados da pesquisa do Grupo de Estudos em Dramaturgia e Crítica Teatral, da Universidade de Brasília, realizado sobre a publicação de teatro contemporâneo no Brasil. Consciente da necessidade de tornar pública a dramaturgia de nossas autoras, este trabalho propõe-se a contribuir com o estudo do teatro escrito por mulheres, ao qual ainda não é dado o devido reconhecimento, tanto na pesquisa acadêmica, quanto na crítica especializada.

## Referências Bibliográficas

### Teóricas:

GOMES, André Luis. Dramaturgia Contemporânea: do palco ao livro. In: **Olhares sobre textos e encenações**. Sheila Diab Maluf, Ricardo Bigi de Aquino (org.) – Maceió: EDUFAL, Salvador: EDUFBA, 2007.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “A mídia literatura”. In: **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998;

LEHMANN, Hans-Thyges. “Teatro Pós-Dramático e Teatro Político” In: **Revista Sala Preta**, nº 3, ano 2003, ECA\_USP, São Paulo, pg 9-19.

### Peças:

AMARAL, Maria Adelaide. **Mademoiselle Chanel**. São Paulo: Globo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Tarsila**. São Paulo: Globo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Melhor teatro: Maria Adelaide Amaral**. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Querida Mamãe**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ó Abre Alas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ASSUMPTÃO, Leilah. **Lua Nua**. São Paulo: Scipione, 1990.

\_\_\_\_\_. **Da fala ao Grito - Fala Baixo Senão Eu Grito. Jorginho, o machão. Roda Cor de Roda**. São Paulo: Símbolo, 1997.

CARVALHO, Mara. **Vida Privada**. In: Coleção teatro brasileiro, volume 3. Belo Horizonte: Handam, 1998

CASTRO, Consuelo. **Urgência e Ruptura**. Perspectiva, 1989.

\_\_\_\_\_. **Only You**. São Paulo: Veredas, 2001.

FREDERICO, Márcia. **O médico camponês ou A princesa engasgada**. In: Coleção teatro brasileiro, volume 3. Belo Horizonte: Handam, 1998.

GÓES, Marta. **Um porto para Elizabeth Bishop**. São Paulo: Terceiro nome, 2001.

HILST, Hilda. **Teatro Reunido – volume I**. São Paulo: Ed. Nankin, 2000.

LEONEL, Vange. **As Sereias da Rive Gauche**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MARTINI, Jandira. **A vida é uma ópera**. In: Coleção teatro brasileiro, volume 1. Belo Horizonte: Handam, 2002.

PETTA, Rosângela. **A mulher com ele**. In: Coleção Teatro Brasileiro, volume 6. Belo Horizonte: Handam, 2005.

STEEN, Edla Van. **Bolo de nozes**. In: Coleção teatro brasileiro, volume 2. Belo Horizonte: Handam, 2002.

\_\_\_\_\_. **O último encontro**. São Paulo: Scipione, 1991.

PALLOTTINI, Renata. **Teatro Completo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

### Outras Fontes:

Enciclopédia Itaú Cultural de Teatro

[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teatro/index.cfm](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm)

### NOTAS

<sup>1</sup> Ver Gumbrecht, 1998, p. 308/309.

<sup>2</sup> Em meados de 2003, no Departamento de Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília, a professora Regina Dalcastagnè deu início à pesquisa “Personagens do romance brasileiro contemporâneo”. Nascida de um sentimento de desconforto com a ausência dos grupos marginalizados nos romances brasileiros contemporâneo, os resultados da pesquisa atestaram este alheamento. Seguindo uma metodologia similar, adaptada ao gênero teatral, esse estudo foi transposto para a dramaturgia. Deu-se início, assim, em 2006, a pesquisa, coordenada pelo professor André Luis Gomes, do mesmo departamento. Um dos objetivos de fazer a mesma análise da pesquisa inicial em outras formas de expressão artística, como teatro, era verificar se nelas também se processava essa invisibilidade às minorias.

<sup>3</sup> Entre parênteses, número de peças publicadas.

<sup>4</sup> Vale citar, também, encenadoras como Bia Lessa e Beth Lopes, que possuem papel de destaque na produção cênica brasileira desde os anos 1980 até hoje, sendo responsáveis pela inovação e oxigenação da cena contemporânea. Se nos estudos contemporâneos já consideramos o encenador(a) como criador também da obra teatral, é importantíssimo registrar que uma encenadora como Bia Lessa foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Molière de melhor direção, em 1986, por sua peça *Ensaio nº 3 - Idéias e Repetições - um Musical de Gestos*.

<sup>5</sup> No caso de Maria Adelaide, sem dúvida, temos que considerar também que seu reconhecimento como roteirista da TV Globo justifica o considerável número de peças publicadas e a reunião de seu teatro na antologia “O Melhor teatro de Maria Adelaide Amaral”. Além disso, a dramaturga tem romances também publicados por editoras de grande visibilidade, como a Global e a Braziliense.

<sup>6</sup> Apesar de Leilah possuir um considerável reconhecimento no cenário teatral do país, a autora tem apenas quatro peças publicadas, sendo três delas parte de uma antologia de 1977, “Da fala ao grito”, que reúne suas três primeiras peças (*Fala Baixo Senão Eu Grito, Jorginho, o Machão e Roda Cor de Roda*), pela Editora Símbolo, que não se encontra disponível no catálogo da editora.

<sup>7</sup> Lembrando que a maestrina vira tema de minissérie global no ano seguinte, em 1999.

<sup>8</sup> Publicado pelo Ágora Teatro, num projeto patrocinado pela Petrobrás, Funarte e Ministério da Cultura. Referência: Agora livre dramaturgias / [organização Celso Frateschi]. – São Paulo: Ágora Teatro, 2006.

<sup>9</sup> Disponível em [http://brmusic.com/vange/sereias.htm]. Acesso em: 30 de ago. de 2007.

<sup>10</sup> Tereza Frota estreou em 1992 uma peça para adultos com o nome de *Remanescentes*, com a qual conseguiu 3º lugar no Prêmio de Dramaturgia da RioArte.